

MIGRAÇÃO RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA DE PORTO ALEGRE PARA O MERCOSUL

*Ari Pedro Oro**

Muitos anos antes da implementação da política de integração regional entre os países do sul do continente americano e da constituição do Mercosul, uma outra integração envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai estava ocorrendo. Com efeito, se os esforços de integração visando a criação do mercosul remontam ao retorno da democracia nos países mencionados, a partir de 1985, ainda nas décadas de 50 e 60, indivíduos, crenças e valores circulavam entre esses países, configurando uma situação que se acentuou nas décadas posteriores.

Foram os pais e mães-de-santo do Rio Grande do Sul que desencadearam o processo de expansão da Umbanda e do Batuque para os países do Prata¹. Primeiramente aqueles radicados nas cidades fronteiriças com o Uruguai (como Santana do Livramento, nas décadas de 50 e 60) e com a Argentina (como Uruguiana, nas décadas de 60 e 70) e depois os de Porto Alegre, a partir da década de 70, muito contribuíram para a migração das crenças e dos cultos afro-brasileiros para os países do Prata, a tal ponto que existe hoje cerca de mil terreiros na Argentina (Carozzi & Frigerio, 1997) e em torno de duzentos somente em Montevidéu (Lopez, 1995), frequentados, mantidos e dirigidos majoritaria-

mente por cidadãos desses países².

Na sequência apresentaremos o perfil, as lembranças, as motivações pessoais e os significados agregados pelos agentes afro-brasileiros gaúchos ao processo de migração religiosa para os países do Prata.

OS PROMOTORES DA MIGRAÇÃO RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA PARA OS PAÍSES PLATINOS

O atual meio batuqueiro gaúcho e platino aponta cinco pais e mães já falecidos como **fundadores** do processo migratório religioso afro-brasileiro do Rio Grande do Sul para os países do Prata. Eles são considerados inauguradores de prestigiosas linhagens religiosas internacionais e tidos como modelo de comportamento e exemplo de conduta, sobretudo no tocante ao distanciamento do econômico e na concepção da divulgação internacional da religião afro-brasileira como uma atividade missionária.

Nos dias atuais há, em Porto Alegre, 13 pais e mães-de-santo que se desempenham enquanto agentes religiosos responsáveis pela migração do Batuque para a Argentina e o Uruguai. A lista não é exaustiva nem está completa; mas os mais importantes estão nela representados. Mais precisamente, são oito babalorixás e cinco ialorixás, cuja faixa

etária varia entre 33 e 79 anos de idade. Todos são donos de terreiros em Porto Alegre e se dedicam exclusivamente à *religião*. (Nessa região as religiões afro-brasileiras são simplesmente nomeadas pelo termo *religião*). Quatro deles são presidentes de federações religiosas afro-brasileiras. Três foram distinguidos pelo governo gaúcho com comendas e títulos. Três possuem uma carreira internacional, com filhos-de-santo e constantes deslocamentos para a América do Norte e a Europa. Trata-se, pois, da "elite sacerdotal" batuqueira gaúcha. A média de tempo de contato da maioria deles com os platinos se situa entre 10 e 15 anos, encontrando-se, porém, numa extremidade, um que já o faz há quase 30 anos e outro que iniciou há 6 anos³.

OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS PLATINOS

De uma forma geral, argumentam os pais e mães referidos que os primeiros contatos com os países platinos ocorreram dentro de uma das três situações seguintes: a) como resposta a uma demanda platina de legitimação religiosa decorrente de sociedades nacionais intolerantes à prática religiosa afro-brasileira. Em outras palavras, os platinos vinham ao Rio Grande do sul, sobretudo a Porto Alegre, na busca de iniciação religiosa junto a um renomado pai ou mãe-de-santo, e do reconhecimento oficial da sua condição de sacerdote junto a uma federação local. Com tais documentos recebiam a autorização policial local para praticarem a *religião*; b) como consequência da prática religiosa afro-brasileira realizada nas cidades gaúchas fronteiriças com o Uruguai e a Argentina; e c) como resultado de relações familiares e amistosas entre babalorixás onde uns encaminham outros para atuarem no Uruguai ou na Argentina.

AS LEMBRANÇAS DOS PRIMEIROS TEMPOS

O discurso atual dos pais e mães gaúchos enfatiza que os "*primeiros tempos*" (isto é, quando iniciaram a sua participa-

ção no processo) foram muito árduos devido sobretudo a duas ordens de dificuldades. A primeira consistia na carência, naqueles países, dos objetos e bens necessários para o desempenho da *religião*.

Evidentemente que com o passar dos anos essa dificuldade foi em grande parte solucionada em razão do surgimento de casas ou lojas de comércio especializadas, chamadas *santerias*, que importam do Brasil uma série de produtos e se abastecem de outros nos seus próprios países.

Nos últimos anos, o número de *santerias* cresceu bastante em Buenos Aires e em Montevidéu, existindo todo um comércio de exportação/importação em torno de produtos de *religião*. Isto significa que a migração religiosa afro-brasileira constitui também uma atividade econômica pois está gerando comércio, assegurando empregos - diretos e indiretos - e carregando divisas para os países do Mercosul.

A segunda dificuldade até certo ponto persiste nos dias atuais. Consiste na discriminação religiosa sofrida sobretudo na Argentina, que teve como consequência perseguições perpetradas pelas autoridades policiais locais contra as práticas públicas da *religião*.

Sem desconsiderar a pouca tolerância religiosa que de fato ocorreu, sobretudo na Argentina, para a qual concorreu inclusive a força policial, sugiro que a ênfase posta hoje pelos pais gaúchos sobre a perseguição religiosa é tanta que se tornou um dos **mitos fundadores** da migração religiosa afro-brasileira para os países do Cone-Sul, cujo sentido é auto-elevar-se, uns mais do que outros, à condição de "heróis fundadores" que tiveram que vencer inúmeras dificuldades, inclusive o aparato policial e as resistências legais, para implantar a *religião* naqueles países⁴.

Esta situação revela, de um lado, a imbricação existente entre mito e história, como geralmente ocorre quando se reporta aos inícios de religiões e à constituição de locais de romaria e de peregrinação, e, de outro lado, a racionalização (construção de mito) motivada por

demanda de legitimação.

A frequência das viagens para os países platinos (nos primeiros anos de ônibus e hoje majoritariamente de avião), varia segundo os pais e mães e os países. Mas, de uma forma geral, infere-se, que a frequência foi menor no início - isto é, anos 50, 60 e 70 (média 1 - 2 vezes/ano) - aumentou na década de 80 (média 1 - 2 vezes/mês) e arrefeceu na década de 90 (1 - 2 vezes/ano).

O período áureo das relações religiosas internacionais platinas ocorre, pois, na década de 80. Em relação à Argentina dá-se sobretudo após o retorno à vida democrática, em 1983 (Frigerio, 1998), enquanto que no Uruguai o crescimento do número de terreiros e o incremento das relações religiosas com o Brasil coincide com o período ditatorial, que se estende até 1985 (Hugarte, 1993).

O arrefecimento das relações religiosas entre gaúchos e platinos deve-se, segundo o discurso dos pais e mães, à crise econômica que se abateu sobre aqueles países, sobretudo a Argentina, que reduziu os investimentos das pessoas na *religião*, embora não tenha diminuído o interesse pela mesma. Mas há um não-dito: o arrefecimento também se deve à concorrência religiosa que estão sofrendo naqueles países.

É importante frisar, porém, que se nos últimos anos diminuíram as viagens e o fluxo de indivíduos no sentido Porto Alegre e capitais platinas e vice-versa, acentuou-se o contato entre eles mediante o uso da tecnologia, sobretudo telefone, fax e mesmo internet. Igualmente, nos últimos anos, pode-se observar a fixação nos países platinos de alguns pais, e sobretudo tamboreiros, que encontram lá uma melhor oportunidade de desempenho da *religião* e de exercício profissional.

AS REPRESENTAÇÕES DOS PAIS E MÃES-DE-SANTO GAÚCHOS SOBRE A PRÁTICA DA RELIGIÃO NOS PAÍSES PLATINOS

De uma forma geral, os 13 pais e mães gaúchos são unânimes em destacar o fervor religioso, a dedicação e a seriedade

platina para com a *religião*. Mesmo assim, alguns deles apontam certos problemas e mesmo aspectos negativos que envolvem a religião nos países do Prata e seus praticantes, tais como: a ausência de certos ingredientes necessários para a prática dos diversos rituais, (apesar do número de *santerias*); a predominância do interesse financeiro na prática religiosa dos pais e mães platinos, especialmente argentinos, e a impossibilidade cultural dos platinos de desempenharem a *religião* tal como os brasileiros em razão das diferenças históricas e culturais de cada nação.

Essas últimas representações revelam que a migração religiosa não ocorre sem conflitos. Há uma rivalidade e uma relação conflituosa entre alguns, senão a maioria dos pais-de-santo gaúchos que participam do circuito religioso platino, sobretudo argentino, e os seus colegas deste país, posto que está em jogo uma disputa de poder pela ocupação do espaço religioso afro-brasileiro e pelo exercício legítimo do sacerdócio naquele país. Além disso, a acusação referida se insere dentro da construção da imagem do outro que, na relação Brasil-Argentina, nem sempre tem se revelado generosa, a sua expressão mais visível ocorrendo no campo futebolístico.

OS SIGNIFICADOS DA MIGRAÇÃO DA RELIGIÃO PARA O MERCOSUL

Encontramos um sentido "missionário" agregado à difusão da *religião* para os países do Prata por parte de alguns pais e mães gaúchos. Trata-se de uma ação missionária que não obedece a nenhuma instituição e sim a iniciativas individuais. Já o interesse por benefícios econômicos povoa o universo de sentidos investidos na migração religiosa por parte de outros pais e mães-de-santo. No entanto, não parece haver um aproveitamento econômico pessoal já que tendem a aplicar na própria *religião* e nos terreiros os rendimentos auferidos nos países do Prata e isto deve-se a uma **razão prática** - constituir um fundo econômico capaz de garantir o alto custo das despesas ne-

cessárias para o cumprimento dos rituais - e **razões simbólicas**, ou seja, busca de distinção, elevação de status, conquista de maior prestígio social, fortalecimento de legitimação simbólica, num universo social altamente concorrencial, e retribuição e oferta aos próprios orixás dos benefícios alcançados por seu intermédio. Neste caso, como tradicionalmente ocorre nesse meio religioso, o econômico é orientado pela religião (Vogel e outros, 1987).

Outro importante significado agregado à migração religiosa platina dos gaúchos reside na criação de redes internacionais de parentesco simbólico, as quais constituem denominadores de fronteiras sociais e simbólicas, que contribuem para a construção de identidades individuais e coletivas. Ao mesmo tempo, constituem uma forma de integração regional/internacional, legitimada religiosamente, mediatizada pelas religiões afro-brasileiras, onde a nacionalidade e as diferenças sociais e ideológicas não são anuladas mas superpostas à religiosa.

Evidentemente que a construção de identidades não significa a formação de comunidades (no sentido tradicional do termo) internacionais. Igualmente, a integração e formação internacional de redes de famílias-de-santo não significa que as relações entre os seus membros sejam harmônicas. Elas continuam a reproduzir o ethos de rivalidade e aliança que caracteriza o campo religioso afro-brasileiro.

* *Ari Pedro Oro é Doutor em Antropologia e Prof. do Dpto. de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

NOTAS

1. A Umbanda e o Batuque são cultuados no Rio Grande do Sul desde o século passado. A Umbanda é proveniente do Rio de Janeiro enquanto que o Batuque constitui uma forma nativa de religiosidade Nagô, semelhante ao Candomblé da Bahia e ao Xangô de Recife.
2. Nos países mencionados também os Candomblés (Queto e Angola) são celebrados, mas em proporções reduzidas, ou seja, em cerca de 5% do total dos terreiros. Mesmo assim, são mantidas relações com pais e terreiros de metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, conforme atestam Prandi, 1991 e Segato, 1991.

3. Para maiores informações sobre os personagens referidos ver A. P. Oro "Transnacionalização religiosa afro-brasileira entre Porto Alegre e os países do Prata", paper apresentado nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas, USP, 22-25/09/1998.

4. Relativamente à perseguição e estigmatização dos cultos afro-brasileiros no Brasil, ver, entre outros, Maggie, 1992, Concone, 1996, Negrão, 1996.

BIBLIOGRAFIA

- CAROZZI, Maria Julia & FRIGERIO, Alejandro (1997) "Não se Nasce Batuqueiro - a conversão às Religiões Afro-brasileiras em Buenos Aires". In: *Religião e Sociedade*, V. 18, nº 1, pp. 71-93.
- CONCONE, Maria Helena Villas-Boas (1996) "Imagem e Identidade dos Cultos Afro-brasileiros (1880-1980)". In: *Teoria e Pesquisa*. Nº 16/17, pp. 10-22.
- FRIGERIO, Alejandro (1998) El Rol de la "Escuela Uruguaya" en la Expansión de las Religiones Afrobrasileñas en Argentina. In: R. Pi HUGARTE (org) *Cultos de Posesión en Uruguay: Antropología Histórica*. Montevideu, pp. 75-98.
- HUGARTE, Renzo Pi (1993) "Las Religiones Afrobrasileñas en el Uruguay". In: *Cadernos de Antropología*, PPGAS/UFRGS, nº 10, pp. 69-81.
- LÓPEZ, Mariel E. Cisneros (1995) "Quién Contó a los Umbandistas?". In: *Sociedad y Religión*. Buenos Aires, nº 13, março, pp. 127-150.
- MAGGIE, Ivonne (1992) *Medo do Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira (1996) *Entre a Cruz e a Encruzilhada. Formação do Campo Umbandista em São Paulo*. São Paulo, Edusp.
- ORO, Ari Pedro (1998) *Transnacionalização Religiosa Afro-Brasileira entre Porto Alegre e os Países do Prata*. Paper apresentado nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. USP, 22-25/09.
- PRANDI, Reginaldo (1991) *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo, Hucitec/Edusp.
- SEGATO, Rita Laura (1991) "Uma Vocação de Minoria: A Expansão dos Cultos Afro-brasileiros na Argentina como Processo de Retnicização". In: *Dados*. Rio de Janeiro, IUPERJ, pp. 240-278.
- VOGEL, Arno & Outros (1987) "A Moeda dos Orixás". In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, nº 14/2, pp. 4-17.